

AS 'AJUDAS' PRESTADAS À FAMÍLIA NO MEIO RURAL:

significados do trabalho e da educação escolar para moças e rapazes

Catarina Malheiros da Silva⁰¹

RESUMO

Considerando as especificidades que marcam os distintos contextos educativos existentes no meio rural, a relação entre os/as jovens e a escola pode ser compreendida a partir de uma perspectiva que ultrapasse a sua condição de estudante, já que participam de outras atividades para ajudar a família. O presente artigo se propõe a compreender os significados do trabalho na roça para os/as jovens estudantes. Realizou-se uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante e os grupos de discussão constituíram-se os principais instrumentos de coleta de dados. Foram realizados 10 grupos de discussão com jovens do sexo masculino e feminino, matriculados nos anos finais do ensino fundamental. A análise dos grupos foi feita com base no método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim. Os resultados da pesquisa desenvolvida apontam que o processo de socialização dos/das jovens acontece a partir da definição dos lugares de rapazes e moças nos espaços da casa e do roçado.

PALAVRAS-CHAVE: Educação escolar, trabalho na roça, socialização, gênero.

THE 'AIDS' PROVIDED TO THE FAMILY COUNTRYSIDE: meanings of the work and school education for girls and boys

ABSTRACT

Considering the specificities that mark the different educational contexts in rural areas, the relationship between young people and the school may be understood from a perspective that overcomes their conditions as a student, since they participate in others activities to help their family. The purpose of this

article is to understand the meanings of rural work to young students. It was carried out an ethnographic research in which participant observation and discussion groups were the main data collect. 10 discussion groups were held with young male and female, who was enrolled in the final years of primary school. The analysis of the groups was made based on the documentary method of interpretation developed by Karl Mannheim. The results of the research developed show that the process of socialization of young people that happens from the definition of the places of boys and girls in the spaces of the house and the plot.

KEYWORDS: School education, work, socialization, gender.

1 INTRODUÇÃO

O rural não é construído apenas a partir da utilização do espaço, mas através da vida que é gestada cotidianamente no coletivo. Os contextos educativos representados pela família e pelo grupo de vizinhança são relevantes para as vivências dos/das jovens, uma vez que possibilitam a troca e partilha de experiências, conflitos e projetos. Estar imerso nestes espaços possibilita apreender a memória coletiva que sustenta as relações tecidas no grupo e que são ressignificados pelos/as jovens.

Embora a educação escolar tenha sido relegada aos homens e mulheres do campo, historicamente, observa-se que os/as jovens rurais têm atualmente maiores chances de continuar os estudos, ao contrário das gerações anteriores. Assim, a instituição escolar pode ser vista pelos jovens como espaço relevante para a superação das condições existentes, sobretudo

no que se refere à relação estabelecida com o trabalho agrícola. Nesse sentido, "...a valorização do estudo como condição para o jovem do campo conseguir um emprego está, em grande parte, associada ao abandono da atividade agrícola" (CARNEIRO, 2005, p.250).

O trabalho agrícola é visto como uma alternativa entre tantas outras, haja vista a existência de outras ocupações no meio rural, bem como a possibilidade de inserção em outros setores da economia no meio urbano. Assim, a migração para a cidade pode significar uma estratégia tanto da família quanto dos jovens de construir novas possibilidades de vida no campo – a partir do desenvolvimento de outras atividades econômicas - tornando a migração temporária. A migração não se constitui na única forma de vinculação dos jovens com o mundo urbano. A existência de atividades não agrícolas em áreas próximas ao meio rural – a exemplo do que acontece em várias cidades brasileiras - permite que os jovens rurais permaneçam morando na sua localidade (WANDERLEY, 2006).

O presente artigo se propõe a compreender os sentidos atribuídos ao trabalho na roça pelos/as jovens estudantes residentes no distrito rural Espirado e fazendas, localizados no município baiano de Palmas de Monte Alto, considerando os lugares de rapazes e moças nos espaços da casa e do roçado no referido distrito. Realizou-se uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante, as entrevistas com moradores e os grupos de discussão constituíram-se os principais instrumentos de coleta de dados. A análise dos grupos foi feita com base no método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (cl. WELLER, 2005; BOHNSACK; WELLER, 2006).

Considerando os limites deste artigo, serão apresentados a seguir uma breve discussão sobre a juventude, trabalho na roça e escola, os caminhos da pesquisa de campo desenvolvida no distrito e os grupos de discussão Os/as jovens que vêm de longe e As meninas que sonham. No primeiro momento, faz-se a apresentação do perfil dos participantes de cada grupo. Em seguida, a análise do eixo trabalho na roça, que se propõe a compreender os significados atribuídos pelos/as jovens ao trabalho na roça e sua relação com o estudo no distrito.

JUVENTUDE, TRABALHONA ROÇA E ESCOLA

⁰¹Doutora em Educação pela Universidade de Brasília/UnB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa GERAJU: Gerações e Juventude. E-mail: catems14@gmail.com
Este artigo apresenta um dos eixos temáticos da pesquisa realizada no âmbito do PPG em Educação/UnB, sob a orientação da Prof^a Dra. Wivian Weller. Apoio: FAPESP.

No meio rural brasileiro, espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado, são tecidas relações sócio-culturais singulares, ao mesmo tempo que se mantêm vínculos de dependência com os centros urbanos. Não se pode negar a influência histórica da cidade no campo, cada vez mais acentuada com a urbanização do meio rural e com a absorção de novos elementos políticos, sociais e econômicos em sua prática produtiva e em seu modo de vida. Nesse sentido, "As ruralidades se expressam de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos" (PEREIRA, 2004, p.344).

O mundo rural pode ser compreendido então, como lugar de vivências peculiares, em consonância com outras formas de organização social. Por outro lado, pensar o meio rural a partir das suas singularidades nos possibilita reportar à "invisibilidade" que atinge a população rural como um todo. Para autores como Veiga (2003) e Abramovay et al (2004) as condições precárias a que são submetidos os sujeitos do campo fortalecem a calcificação de imagens discriminatórias sobre a população rural. O desconhecimento e negação dos modos de vida dessa população fazem com que as demandas existentes no campo sejam negligenciadas.

No que concerne às relações tecidas no espaço rural-urbano, em pesquisa sobre jovens nas áreas rurais do município de Friburgo, localizado no Estado do Rio de Janeiro e de Nova Pádua, no Rio grande do Sul, Carneiro (1998) chama a atenção para a proximidade existente entre núcleos urbanos representativos, bem como a facilidade de acesso à cidade pelos habitantes do meio rural. A integração rural-urbana abre diversas possibilidades para os jovens rurais, especialmente o prolongamento da escolarização e das escolhas profissionais. Como afirma Castro (2006, p.266) "A vivência marcada pela circulação e socialização em espaços considerados urbanos e rurais aparecem como o somatório de possibilidades e "sonhos" no campo do desejo, ainda que a realidade possa construir outros caminhos".

Um outro elemento concernente à mobilização dos jovens rurais para a cidade diz respeito à relação estabelecida entre os jovens e a atividade agrícola. A comparação entre os meios urbano e rural pode levar os jovens a considerar a agricultura mais negativa que positiva. Aspectos relacionados à constituição do trabalho agrícola – tais como ausência de férias, de fins de semana livres e de horários regulares de trabalho, bem como os baixos rendimentos, contribuem para fortalecer a repulsa à esta atividade. No entanto, o trabalho como agricultor também pode estar vinculado à valorização que o jovem e sua família atribuem a essa atividade.

Numerosas pesquisas demonstram que a atividade agrícola é considerada relevante para as famílias rurais, especialmente por garantir a autonomia do agricultor, que não depende de um patrão (WANDERLEY, 2006).

O entendimento sobre os jovens que vivem no meio rural supõe o reconhecimento da existência de espaços distintos - a exemplo da casa, da vizinhança e da cidade - onde os/as jovens vivenciam cotidianamente experiências individuais e coletivas. Sobre a importância da comunidade local para os jovens rurais, Brandão (1995, p.136) afirma que "quando há vizinhos por perto, parentes ou não, os grupos de idade alargam os limites da ordem familiar cotidiana e se constituem como os primeiros espaços extrafamiliares de convivência e socialização".

Nesses espaços, os jovens constroem relações com amigos, vivenciam o lazer, estabelecem relações com os meios de comunicação de massa, participam de manifestações culturais e religiosas, expressando um sentimento de pertencimento, tanto à comunidade como a grupos de jovens. Nesse sentido, as experiências cotidianas dos jovens dependem da intensidade e da riqueza da vida social existentes no meio rural (WANDERLEY, op.cit).

Considerando a centralidade da escola para a realização dos projetos individuais de muitos jovens brasileiros, é importante entender a relação estabelecida entre estes e a instituição escolar. Para Pais (2003, p.254), "Importa analisar qual a incidência dos percursos escolares sobre a construção, ou não, de determinados projectos em relação ao futuro e sobre as próprias trajetórias dos jovens". Para muitos jovens, estar na escola pode ser uma estratégia de credenciamento - a partir da conquista de um diploma - mas também pode significar participar de um contexto de interação cotidiana, a construção de um círculo de amizades e de relações que permitam experimentar novas vivências e afetividades.

Um outro aspecto presente no processo de formação escolar dos jovens do meio rural diz respeito à diferenciação de gênero observada na procura de aprimoramento educacional. Vale ressaltar, ainda, que a relação das jovens com o trabalho agrícola assume contornos diferenciados.

A posição dos jovens homens no processo sucessório no interior da família, a penosidade da atividade agrícola e a não participação das jovens nas discussões sobre o futuro da propriedade têm sido apontados como fatores que, por um lado, afastam as jovens da atividade agrícola, favorecendo a migração para o meio urbano e, conseqüentemente, a ampliação do nível educacional e, por outro, contribuem para a masculinização da população rural (ABRAMO-

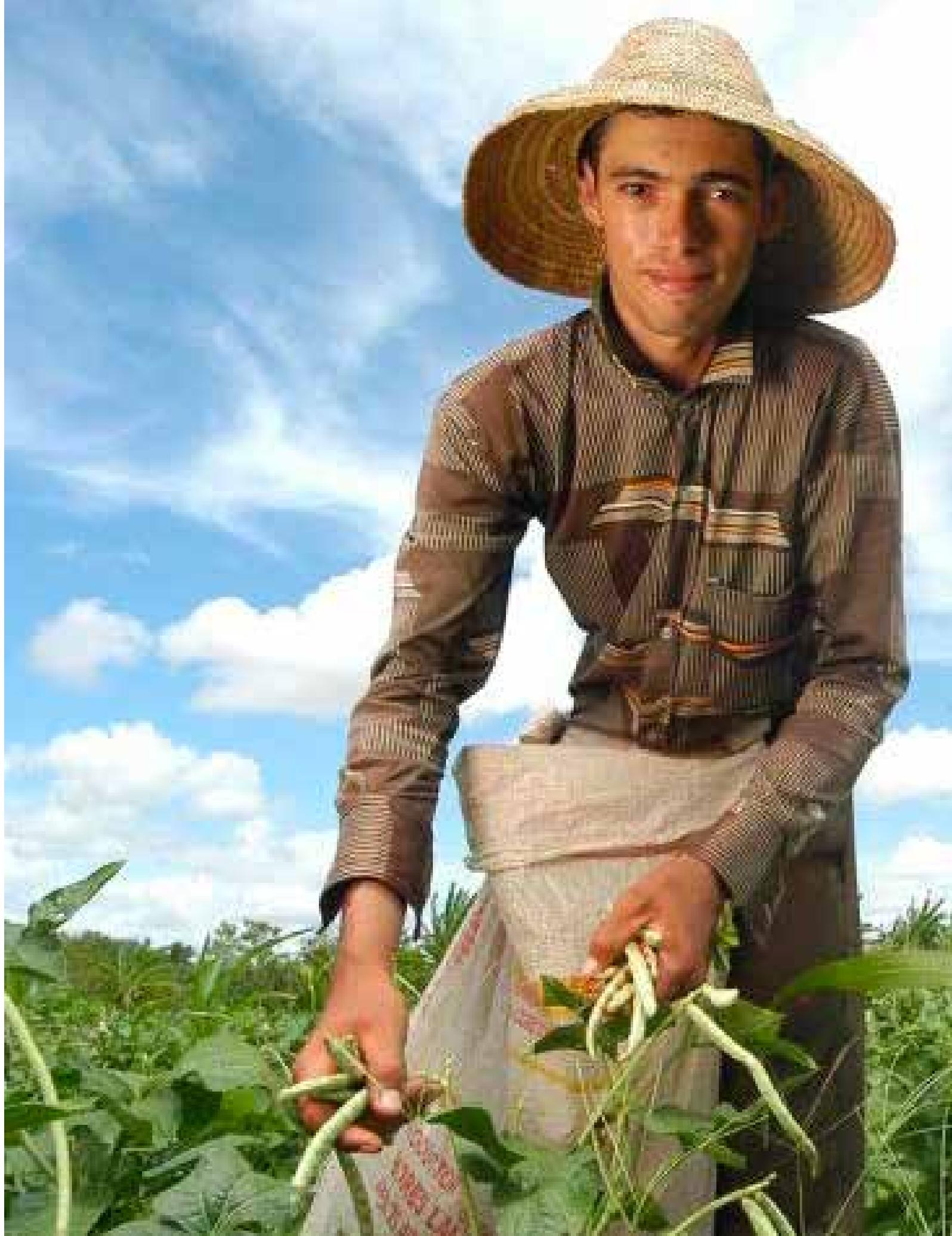
VAY et al, 2004).

Os pais que querem que os filhos sejam seus sucessores no estabelecimento familiar ou que a filha se responsabilize pelo cuidado na velhice, desestimulam-nos desde crianças para o estudo. No que concerne às jovens, estas são orientadas para o estudo, já que não existem perspectivas de sua permanência no meio rural, pois a transmissão do patrimônio familiar está atrelada ao sexo e à ordem de nascimento (Stropasolas, 2006). Nesse sentido, pode-se pensar que o prolongamento da escolarização, bem como as aspirações ocupacionais não acontecem de forma semelhante para moças e rapazes. Afinal, concorrem para esse prolongamento as possibilidades de acesso e permanência na escola.

Essa clivagem de gênero no que diz respeito ao investimento educacional nos aponta o significado da educação para moças e rapazes. O acesso ao estudo para as moças vai muito além da conquista da independência familiar e da possibilidade de emprego na cidade, uma vez que a formação educacional fortalece seus planos futuros "...com amplitudes que se estendem até outras dimensões do campo profissional e da vida, vindo no acesso aos estudos a possibilidade de questionar padrões, conceitos e comportamentos, sobretudo aqueles que restringem a sua liberdade no espaço rural" (Stropasolas, op.cit, p.306). Entretanto, atualmente, há uma tendência em rever o valor atribuído à formação escolar, em virtude da constatação da precariedade na formação dos filhos dos agricultores, sobretudo dos rapazes.

Esse cenário possibilita o entendimento do ser jovem no meio rural, uma vez que a ampliação do processo de escolarização favorece o prolongamento da juventude, mediante a existência da dependência e coabitação com a família de origem (Vieira, 2006). Daí o fato de que a compreensão do/da jovem como sujeito integral perpassa o redimensionamento do olhar da escola sobre ele. Ou seja, a escola deve conhecer os sujeitos com os quais atua, dentro e fora de seus muros, entendendo a vivência juvenil no sertão baiano, marcada por um modo de vida singular, como dimensão importante para significar o saber escolar.

Por fim, é preciso compreender a relação tecida entre os jovens e a escola a partir de uma perspectiva que ultrapasse a sua condição de estudante, concebendo-os como sujeitos que estudam e têm outras atividades, que constroem um trajeto escolar e profissional combinado com essas outras dimensões que compõem a vida de cada um.



OS CAMINHOS DA PESQUISA NO DISTRITO ESPRAIADO

O município de Palmas de Monte Alto localiza-se na Região Sudoeste da Bahia, limitando-se ao norte com Riacho de Santana e Matina, ao sul com Sebastião Laranjeiras, ao leste com Guanambi e ao oeste com Iuiú e Malhada. Dista de Salvador 840 km. Sua população está estimada em 20.779 habitantes, sendo formada por pequenos agricultores, juntando-se a estes, numa relação de complementaridade, comerciantes, funcionários públicos, professores, auxiliares de serviços gerais, profissionais liberais, entre outros.

A maioria da população ativa concentra-se no meio rural. Tem como principais produtos agrícolas feijão, algodão, mandioca, sorgo, mamona, milho e arroz. O clima é do tipo quente e seco, apresenta uma temperatura média anual de 22°C, a precipitação anual é de 700/900 mm e seu período chuvoso vai de novembro a janeiro. O risco de seca é considerado médio, o que favorece a agricultura de subsistência, inclusive pela sua extensão em área de 2.787,6 km² (IBGE, 2016). O município é formado pelos distritos rurais de Espraiado, que se localiza a 48 km da sede; Barra do Riacho, 25 km; Pinga Fogo, 15 km; e Rancho das Mães, distante 13 km.

O critério de escolha do Distrito Espraiado para a realização do estudo está apontado no fato de que a oferta de Educação Básica constituiu-se em fenômeno recente nesse distrito, haja vista que as áreas rurais de pequenos municípios brasileiros tiveram um processo de escolarização tardio e sexista. Aspectos como a distância da sede do município, a densidade demográfica e as marcas de isolamento também motivaram a realização do estudo.

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante, as entrevistas com moradores e os grupos de discussão constituíram-se como principais instrumentos de coleta de dados. Os grupos de discussão foram formados com jovens estudantes do sexo masculino e feminino, a partir do critério da amizade, ou seja, os próprios jovens determinavam quem participaria do grupo, com a presença de três a seis integrantes por grupo. Foram realizados um total de dez grupos de discussão com jovens oriundos do Distrito e fazendas vizinhas, alunos dos últimos anos do ensino fundamental, faixa etária de 12 a 18 anos, entre os meses de fevereiro e março de 2008.

O processo de formação desses grupos ocorreu de forma tranquila e acessível. Como

os jovens se organizavam em rodas de amigos pelo entorno da escola, a abordagem era feita, considerando a aproximação existente entre eles/as. Observou-se, ainda, que se organizavam em grupos de rapazes e moças, sendo rara a existência de grupo misto. Os grupos de discussão foram realizados seguindo um tópico-guia que trazia os temas de interesse da pesquisa. A interação entre os membros variava de um grupo para outro. Apesar de serem colegas de sala, em alguns grupos a conversa fluía; em outros, alguns membros simplesmente mantinham-se em silêncio durante toda a entrevista. Mas, em quase todos os grupos, assuntos como o fim de semana, família, casamento e eventos escolares eram discutidos com mais entusiasmo.

No entanto, na maioria desses grupos, a discussão se limitou aos temas apresentados pela pesquisadora, ainda que ao final da discussão fossem novamente instigados a falar sobre assuntos que não haviam sido discutidos. Ao término dos grupos de discussão, com o objetivo de obter informações adicionais, cada participante preencheu um formulário com informações relevantes para a constituição do perfil de cada um.

Em seguida, deu-se início à análise dos dados empíricos. Inicialmente, realizou-se a transcrição e divisão temática dos grupos de discussão realizados com os/as jovens. Essa divisão compreende a identificação das passagens/subpassagens e da metáfora de foco. Embora todos trouxessem aspectos importantes para serem analisados, a escolha de grupos representativos para análise era necessária. Nesse sentido, foi feita a transcrição completa e codificada de três grupos, tendo o cuidado de preservar as marcas de oralidade dos entrevistados, na tentativa de garantir o reconhecimento do dialeto local e da densidade interativa presente nos grupos.

Os códigos utilizados na transcrição das entrevistas foram desenvolvidos pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack, na Alemanha. Weller (2005) considera relevante numerar as frases dos membros do grupo, bem como criar códigos para apresentar a entonação da voz e as expressões produzidas pelos participantes. Também assinala a importância de apresentar nomes fictícios para os membros, garantindo assim o anonimato destes.

Para a análise, foram escolhidos os grupos “Os/as jovens que vêm de longe” e “As meninas que sonham.” A escolha está apontada nas especificidades apresentadas pelos referidos grupos, tais como o local de moradia e as representações de gênero. O processo de análise destes foi feito a partir do método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por

Ralf Bohnsack (cl. WELLER, 2005; BOHNSACK e WELLER, 2006).

4. GRUPO DE DISCUSSÃO “OS/AS JOVENS QUE VÊM DE LONGE”

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Moisés

Moisés (Mm) tem 17 anos, religião católica, negro, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto-BA. Mora nessa fazenda desde que nasceu, na companhia dos pais. Tem 7 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Malhada Grande, é lavradora e ganha R\$15,00 por dia. Seu pai nasceu na fazenda Papaçonha, é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Ambos cursam a Educação de Jovens e Adultos à noite, na fazenda Cedro. Moisés estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. No momento atual, cursa a 8ª série e seu lazer preferido é praticar esporte. Frequenta um grupo há seis meses na igreja, de quinze em quinze dias, para brincar e realizar atividades orais.

Tatiana

Tatiana (Tf) tem 13 anos, religião católica, negra, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 7 irmãos e irmãs. Sua mãe é zeladora e foi a primeira professora da localidade. Tatiana não informou a naturalidade dos pais, a renda, a escolaridade e a ocupação do pai. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Atualmente, cursa a 5ª série e tem como lazer preferido estudar. Frequenta um grupo, a cada quinze dias, há 6 meses, na igreja.

Carla

Carla (Cf) tem 16 anos, religião católica, negra, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 9 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu em Malhada, trabalha em casa e cursa a Educação de jovens e adultos à noite na fazenda Cedro. Seu pai é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Carla não informou a escolaridade dos pais e a naturalidade do pai. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Atualmente, cursa a 6ª série e tem como lazer preferido brincar de futebol com as amigas. Participa de um grupo há três meses. Encontram-se

a cada quinze dias, na igreja, para fazer leituras bíblicas e brincar.

Wesley

Wesley (Wm) tem 14 anos, religião católica, negro, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe é lavradora e ganha R\$15,00 por dia. Seu pai é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Ambos estão cursando a Educação de Jovens e Adultos à noite na fazenda Cedro. Wesley não informou a escolaridade e a naturalidade dos pais. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Atualmente, cursa a 7ª série e tem como lazer preferido jogar futebol. Participa de um grupo, há seis meses, a cada quinze dias, na igreja de Santo Espedito. Nesse grupo, realiza atividades orais e brincadeiras.

Carlos

Carlos (Cm) tem 16 anos, religião católica, negro, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 7 irmãos e irmãs (informa ainda que morreram 8 irmãos/ãs). Sua mãe nasceu em São Paulo, é zeladora e tem o ensino fundamental completo. Seu pai é lavrador. Não informou a renda dos pais, bem como a escolaridade e naturalidade do pai (escreveu que não sabe a naturalidade do pai). Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Cursa a 6ª série e trabalha na "panha" de feijão. Informa que trabalha 3 h e que o valor que ganha gasta com alimentação. Seu lazer preferido é o jogo de futebol. Participa de um grupo há 1 ano, 2 vezes, para rezar, brincar e cantar rezas.

João

João (Jm) tem 18 anos, religião católica, negro, natural de Palmas de Monte Alto. Mora na fazenda Curral Novo desde que nasceu, com os pais. Tem 6 irmãos e irmãs (morreram 2 irmãos/ãs). Sua mãe nasceu em Candiba, é lavradora e ganha R\$15,00 por dia. Seu pai é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Informa não saber a escolaridade dos pais e a naturalidade do pai. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal José Pinto Lima, localizada na fazenda Curral Novo. Cursa a 7ª série e trabalha. Seu lazer preferido é jogar futebol. Participa de um grupo há 1 ano, a cada quinze dias. Nesse grupo, reza, brinca e realiza atividades orais.

4.2 "AJUDO MEU PAI PANHAR, COLHER O FEIJÃO"; "EU AJUDO MAIS É MINHA MÃE DENTRO DE CASA"

Muitos jovens rurais dividem seu tempo entre a frequência à escola e as "ajudas" à família. A ida à roça como tarefa dos rapazes e a permanência em casa como condição das moças marca a rotina diária destes sujeitos. Saber se esses jovens têm atribuições nestes espaços é importante para compreender os possíveis impactos na relação estabelecida com a escola (Passagem Trabalho na roça, linhas 248-263):

Y: Vocês trabalham na roça também?
m: traibao

Wm: assim todas as férias da escola no começo no tempo da reposição do mantimento nós trabaia :

Jm: eu também trabaio

Mm: As vezes ajudo meu pai panhar colher o feijão cercar uma cerca que dentro de casa o maior que tá tendo agora só eu dos irmãos mais vei do que eu já saiu para fora então só tenho eu e ele então portanto (2) deve ajudar ele
Cf: eu mesmo é difícil eu trabaia assim na roça 3 eu ajudo mais é minha mãe dentro de casa

Tf: eu também ajudo minha mãe mais dentro de casa assim é algumas vezes que eu vou assim trabaia assim na roça com meus pais e meus irmãos

Cm: e eu trabaio na roça assim mais meu pai assim quando () na roça mas quando tem serviço fora às vezes alguma pessoa quer pagar um dia de serviço pra mim trabaia eu vou e trabaio né porque eu não posso sair pra trabalhar que eu tô estudando tem que aproveitar assim o dia que a gente acha um serviçinho pra poder trabaia

Os/as jovens da Fazenda Cedro prestam ajuda aos pais nas atividades agrícolas e domésticas, assumindo papéis diferenciados ao longo de sua socialização na comunidade. Os ritos de iniciação do processo de divisão social do trabalho na família começam a ser exercitados desde cedo, ainda na infância. Em muitos contextos, a participação de crianças e de jovens, tanto em casa como fora dela, é de grande importância para garantir o sustento do grupo doméstico.

Os rapazes são socializados nas "lidas da roça", cabendo ao pai a responsabilidade de ensiná-lo a se apropriar dos códigos de um mundo que é essencialmente masculino. As demonstrações de força, coragem e valentia frente à labuta da roça fazem com que o filho homem assumia desde cedo a sua posição.

A ajuda prestada ao pai⁰², sobretudo quando os irmãos "mais vei" já saíram pra "fora" constituiu-se em obrigação para com toda a família. Os filhos que ficam passam a ser indispensáveis. No entanto, a "lida na roça" não compromete a presença dos jovens rapazes na escola, pois a proposição de Wesley – "todas as férias da escola (...) nós trabalha" – e a complementação de Carlos, que não se mostra seduzido para sair pra trabalhar já que "[tá] estudando", parecem confirmar que somente em momentos específicos os jovens são requisitados para trabalhar na roça. Essas "ajudas prestadas" não se destinam a afastar o jovem da escola, ainda que façam parte do seu dia-a-dia.

O estudo dos rapazes em áreas rurais, onde a agricultura familiar é a base de sustentação do grupo, durante muito tempo, foi visto como desnecessário. A interrupção da trajetória escolar era justificada muitas vezes por uma possível incapacidade do rapaz para se apropriar dos códigos escolares. Para os jovens rapazes da fazenda Cedro, a saída da escola para ajudar o pai não é mais cogitada, ao contrário de épocas passadas. Aspectos como a recente institucionalização da educação formal nas áreas rurais e a valorização do conhecimento escolar como elemento importante para acessar um lugar no mundo do trabalho, figuram como razões que parecem mobilizar as famílias para garantir a permanência dos filhos na escola (cf. Leão, 2006).

Enquanto os rapazes são inseridos desde cedo no "mundo da roça", em muitas áreas rurais o espaço da casa e do quintal fica sob a responsabilidade das filhas⁰³. Por meio da exemplificação "eu mesmo é difícil eu trabaia assim na roça eu ajudo mais é minha mãe dentro de casa", Carla deixa claro o lugar destinado às moças. As atividades domésticas, simbolizadas pela presença da mãe, figuram como elemento socializador destas, impedindo que sejam chamadas para o trabalho na roça. Somente em algumas ocasiões acompanham a família, pois, embora as mulheres da casa também trabalhem, destina-se ao pai e aos rapazes os trabalhos concebidos como mais pesados.

02 As "ajudas" descritas no diário pelos jovens referem-se a atividades como: carregar água, "panhar" feijão, "caçar" lenha, passar lama no forno, levar a mãe ao rio para lavar roupa, pescar no rio, vacinar o gado, "cercar" uma cerca.

03 As jovens escreveram no diário as atividades que realizam em casa diariamente, como "ajuda" prestada à mãe. São elas: arrumar a casa, lavar louças, pegar água no tanque, lavar roupa no rio, dobrar roupas, varrer o terreiro, ajudar a mãe a cozinhar.

.GRUPO DE DISCUSSÃO “AS MENINAS QUE SONHAM”**5.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS****Daniela**

Daniela tem 14 anos, religião católica, branca, natural da fazenda Angico, em Palmas de Monte Alto. Mora em Espiraiado, há 12 anos, com os pais. Tem 5 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Angico, tem o ensino fundamental incompleto, é gari e ganha R\$70,00 por mês. Seu pai nasceu em Angico, tem ensino fundamental incompleto, trabalha em associação. Não informou a renda do pai. Daniela estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. Cursa a 8ª série e trabalha ajudando em casa, durante a semana. Seu lazer preferido é jogar baleado. Não participa de grupo ou associação.

Bruna

Bruna tem 14 anos, religião católica, negra, natural de Guanambi. Mora na fazenda Muquém com os pais, desde que nasceu. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Muquém, trabalha em casa e tem o ensino fundamental completo. Seu pai nasceu na fazenda Muquém, é agricultor e tem ensino fundamental completo. Não informou a renda dos pais. Bruna estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. No momento atual cursa a 8ª série. Seu lazer preferido é o futebol. Não participa de grupo ou associação.

Geane

Geane tem 12 anos, religião católica, branca, natural de Palmas de Monte Alto. Mora com os pais em Vesperina, desde que nasceu. Tem 1 irmã. Sua mãe é professora, tem ensino superior completo e Pós-graduação lato sensu. Seu pai é funcionário da limpeza geral e tem o ensino fundamental completo. Não soube informar a naturalidade dos pais. Também não informou a renda de ambos. Estudou a 1ª série do Ensino fundamental no Colégio Municipal Marciano Antonio Batista, localizado em Vesperina e a 2ª, 3ª e 4ª séries na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. No momento, cursa a 8ª série. Seu lazer preferido é brincar. Não participa de grupo ou associação.

5.2 SIGNIFICADOS DO TRABALHO NA ROÇA

A “lida na roça” constitui-se tradicionalmente em atividade masculina, embora as mulheres sejam designadas para assumir o roçado em momentos específicos, como o período em que os homens migram temporariamente. Como essas jovens residem em localidades onde a agricultura de subsistência marca as relações de produção e consumo, é importante saber sobre a “labuta” do seu cotidiano para compreender os significados atribuídos ao trabalho agrícola. (Passagem Trabalho na roça, linhas 721-740):

Y: Vocês trabalham na roça também?

Gf: eu não por ca por conta da minha alergia que eu não posso tomar sol nada nada que tem leite seus derivados nada que tem conservantes e corante artificial

Bf: eu eu não

Gf: é aí minha folguinha é essa né 3 pra eu não poder trabalhar na roça

Bf: eu não trabalho porque apesar que eu estudo eu estudo o dia todo e no final de semana meus pais não trabalham é tempo de ficar em casa descansando e com isso eu não (1) eu não faço nada passo o ano provavelmente sem fazer nada (1) é porque eu estudo no PETI uma aula de reforço e às vezes quando não tem atividades a gente brinca é um é um tipo de programa que tem na Secretaria de Assistência Social e também (2) é um é uma escola que me ajudou muito que sem ela eu acho que hoje eu não tava nesta série porque eu sinto dificuldade muito na matemática e a minha monitora do PETI me ajudou muito como a Manoela que tava ali e Janaina a filha do (2) do homem que vende na sorveteria que foi um amor de pessoa pra mim e hoje eu agradeço muito a ela por causa dessa escola me ajudou muito

Df: né como elas iam dizendo que elas não trabalha ni roça só que eu trabalhava antes de começar as aula agora eu não trabalho porque porque eu estudo à tarde e ia assim na na roça de manhã e vinha onze horas pra arrumar pra ir pra ir pra aula mas eu ni roça assim eu não trabalho eu vou eu trabalhava assim na casa de uma mu-

lher lá uma mulher ali na outra rua ali e ia assim de manhã até meio dia mas tem vez que eu não chego de manhã até meio dia mas vou lá sete horas faz as coisas rapidinho e nove horas eu tó em casa, (2) ni roça não trabalho.

A relação positiva que as jovens estabelecem com a educação formal, representada pela proposição enfática feita por Bruna “eu estudo o dia todo,” não permite que os trabalhos na roça e na casa comprometam a sua condição de aluno. Isso fica mais claro quando Daniela, de forma entusiasmada, complementa a fala de Bruna, apresentando a sua rotina “eu trabalhava antes de começar as aula agora eu não trabalho porque eu estudo à tarde”. Ainda que eventualmente trabalhem, são as atribuições concernentes ao mundo da escola que recebem atenção. A frequência diária, o cumprimento dos horários e datas, as atividades propostas marcam o dia-a-dia das jovens que provavelmente são dispensadas pelo grupo familiar para que se dediquem aos estudos.

Também a inserção em tempos/espços educativos como o PETI, programa federal de erradicação do trabalho infantil, figura como aspecto reforçador do estatuto de estudante das jovens. A satisfação demonstrada por Bruna ao justificar: “porque eu estudo no PETI, uma aula de reforço e as vezes quando não tem atividades a gente brinca”, a sua ausência nas “lidas da roça” possibilitam pensar sobre o impacto desses programas em áreas rurais marcadas pelo empobrecimento e alto índice de analfabetismo.

Embora o trabalho doméstico tenha sido um referencial predominante na socialização das jovens rurais, desde a infância, é a presença no espaço escolar, historicamente negado às mesmas, que é reivindicado como locus para a aprendizagem. Muitas jovens sofreram um processo de socialização que as preparava para a desvantagem, com expectativas de escolarização e profissionalização menores do que os rapazes. Em muitas localidades rurais, a aprendizagem das “primeiras letras” era privilégio dos meninos e rapazes, o que reforçava o aspecto segregador da condição de vida das mulheres.

É possível que a insatisfação de muitos lavradores com o retorno obtido da “labuta penosa na roça” fortaleça o empenho das famílias para garantir a permanência dos filhos/as na escola.⁰⁴ Também as demandas colocadas pelo mercado de trabalho em torno da valorização da escola e a possibilidade de ampliar o capital

04 As entrevistas realizadas com as famílias rurais sobre a inserção dos/das filhos jovens no mundo da roça possibilita compreender essa questão. A fala de um morador do Distrito que tem filhos na escola, quando solicitado a falar sobre o trabalho na família, é bastante ilustrativa “criança, pessoal novo hoje, por causa do estudo não faz parte de trabalhar na roça, porque sabe que você não pode tirar um jovem novo pra poder adoecer, pra colocar em roça pra atrapalhar os estudo dele. Mas sempre a família da gente, o homem, a mulher que são lavradores, sempre é seguro no cabo do arado mesmo ☒☒☒☒☒”. Entrevista com Senhor Quitério, em julho de 2008, linhas 116-120.

cultural constituem-se como elementos motivadores para essas famílias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento que “As meninas que soham” fazem em torno da educação escolar é marcante. No momento em que são solicitadas a falar sobre o trabalho na roça, apresentam a sua condição de estudante em tempo integral como aspecto carregado de sentido. A escola figura como espaço central e demarcador da rotina das jovens. São as atribuições da vida escolar que ganham a atenção delas, o que permite pensar também no papel exercido pelas famílias rurais no que se refere à garantia das condições de estudo dos filhos.

Esse movimento também marca as orientações coletivas dos/das jovens que vêm de longe, pois apresentam a escola como espaço que determina a relação circunstancial estabelecida com o trabalho rural. E aí chama a atenção que essa proposição não é feita apenas pelas moças, mas sobretudo pelos rapazes, que nesse contexto não são retirados da escola para servir ao mundo da roça. Estes deixam claro a sua condição de estudante, sobretudo a partir

da explicação de Carlos – “eu to estudando” –, o que reforça a nova tendência no que concerne à escolarização dos rapazes. Ao contrário de épocas passadas, os rapazes têm permanecido na escola por mais tempo, o que os diferencia de outros que constroem os projetos de futuro em consonância com o mundo agrícola.

Para esses rapazes, essas projeções estão ligadas à aquisição da cultura escolar. Um aspecto que também singulariza “Os/as jovens que vêm de longe” diz respeito à divisão social do trabalho nas famílias rurais. O processo de socialização desses/as jovens acontece a partir da definição dos lugares de rapazes e moças nos espaços da casa e do roçado. As atribuições de cada um estão definidas de forma sólida e aparentemente sem conflito, pois os/as jovens não demonstram resistências quanto aos papéis definidos para cada um.

A ampliação da escolaridade de moças e rapazes residentes em áreas rurais de pequenos municípios brasileiros deve perpassar as discussões sobre a educação do campo, gestadas em vários espaços formativos. Surge o desafio de ofertar uma educação que, além de contemplar os saberes, a memória coletiva e a positivação dos processos identitários no meio rural, pos-

sibilite também aos/às jovens o diálogo com a realidade mais ampla.

Também é preciso considerar o impacto e significado atribuídos a programas educativos como o PETI, a instituições como o Conselho Tutelar da Infância e do Adolescente, aos programas Bolsa Escola e Bolsa Família, pelos/as jovens rurais, sobretudo no que se refere à relação estabelecida com a escola. A existência desses programas parece transcender as necessidades de sobrevivência da população, uma vez que a referência feita a estes aponta outros elementos que modificam o cotidiano desses sujeitos, especialmente no que concerne à relação com o trabalho rural.

A reivindicação por uma educação pública de qualidade está ancorada também na memória da exclusão, abandono e segregação que marcou a existência de homens e mulheres do meio rural, durante muitos anos. O desenvolvimento do campo demanda uma política educacional que compreenda e atenda a diversidade e amplitude inerente a este território. Propõe ainda o reconhecimento do sujeito camponês como protagonista propositivo de políticas e não como beneficiários e ou usuários.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo et al. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 236-271, 2004.
- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.
- BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário e sua utilização em grupos de discussão. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p.19-38, mar./ago. 2006.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. *A partilha da vida*. São Paulo: GEIC/Cabral, 1995.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-261.
- _____. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Teixeira da et al (Org). *Mundo rural e política*. Rio de Janeiro: Campos/Pronex, 1998. p.95-117.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. In: WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (Orgs.). *Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA, IICA, 2006. p.245-277.
- _____. Fronteiras invisíveis: aproximações e distâncias entre ser jovem no campo e nas cidades no Brasil. In: PINHEIRO, Diógenes; NOVAES, Regina; VENTURI, Gustavo; RIBEIRO, Eliane (Orgs.). *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 61-102.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Municípios brasileiros*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 4 abr. 2011.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.
- PEREIRA, Jorge Luiz Goes. Entre campo e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol.12, n. 1, p.322-351, 2004.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- VEIGA, José Eli da. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- VIEIRA, Rosângela Steffen. Tem jovem no campo! Tem jovem homem, tem jovem mulher. In: WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (Orgs.). *Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA/ IICA, 2006. p. 195-214.
- WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel (Coord.). *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife, 2006. Relatório de Pesquisa.
- WEISHEIMER, Nilson. Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais. *Desidades*, Rio de Janeiro, n.1, p. 22-27, ano 1, dez. 2013.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 54-66.
- WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n.13, p. 260-300, jan./jun. 2005.
- ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 64, p. 61-78, jan./mar. 2016.